



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10027 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

“PODE SER A GOTA D’ÁGUA” - VOZES DE PROFESSORAS E A PANDEMIA NA AMAZÔNIA

Leonardo Ferreira Peixoto - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Eglê Betânia Portela Wanzeler - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Marcos André Ferreira Estácio - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

“PODE SER A GOTA D’ÁGUA” - VOZES DE PROFESSORAS E A PANDEMIA NA AMAZÔNIA

Resumo: Trata o presente texto de resumo expandido na modalidade trabalho, submetido ao Grupo de Trabalho de Currículo (GT12) da 40ª Reunião Nacional da ANPEd, que tem como tema “Educação com prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo”. Imbuído do compromisso político com a temática desta reunião anual, o presente resumo expandido apresenta uma pesquisa realizada com professoras de uma escola pública da Rede Municipal de Ensino de Manaus (AM). O objetivo principal desta pesquisa é amplificar as histórias vivenciadas por estas professoras da Amazônia brasileira, no contexto da pandemia de Covid-19. No campo dos estudos curriculares, esta produção filia-se política e epistemologicamente aos estudos com os cotidianos escolares. *Pensarpraticar* a educação em tempos de pandemia com as narrativas docentes implica compreendermos seus sentimentos, suas *práticaspensamentos* e suas táticas de produção e reinvenção dos cotidianos escolares em um contexto pandêmico e de desgoverno nacional.

Palavras-chave: narrativas docentes; pesquisa com os cotidianos; pandemia de covid-19; cotidiano escolar na Amazônia.

Olha a gota que falta...

Já lhe dei meu corpo, minha alegria

Já estanquei meu sangue quando fervia

Olha a voz que me resta

Olha a veia que salta

Olha a gota que falta

Pro desfecho da festa

Por favor

Deixe em paz meu coração

Que ele é um pote até aqui de mágoa

E qualquer desatenção, faça não

Pode ser a gota d'água

(...)

Pode ser a gota d'água

Pode ser a gota d'água

(BUARQUE, 1975)

O presente trabalho tem como objetivo analisar os impactos da covid-19 na vida cotidiana de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Manaus (AM), a partir das narrativas de três professoras, em diálogo com suas existências, resistências e sentimentos. Epistemologicamente, nossa análise se vincula aos estudos da complexidade (MORIN, 2005), dos estudos com os cotidianos escolares, das reflexões de Boaventura de Souza Santos (2020) sobre pandemia e das reflexões de Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2011) sobre dialogarmos com a nossa própria história e falarmos com os outros para que a produção de silenciamento não nos invisibilize e não enlouqueçamos.

Para este trabalho, elegemos três narrativas de professoras de uma mesma escola. Pensar o ensino remoto tendo como referências as experiências vividas pelas professoras, implica refletir com suas táticas (CERTEAU, 2012) de criação e reinvenção *nosdoscum* os cotidianos escolares. A pesquisa na qual este trabalho está inserido é fruto de um processo de pesquisa-formação realizada em nove escolas da Rede Municipal de Ensino de Manaus. Trata-se de um projeto de formação continuada de professoras em serviço que se desenvolve a partir da pesquisa-ação colaborativa.

A primeira fase do projeto deu-se pelo encontro universidade-escola, no qual se iniciou um processo de construção de vínculos entre as formadoras e pesquisadoras da universidade e das escolas. A partir desta construção, o projeto entrou em uma nova fase, que foi a criação de propostas curriculares de formação pertinentes aos contextos específicos de cada escola.

Neste texto, vamos narrar a primeira fase da pesquisa-formação realizada na Escola Municipal Ligia Mesquita Fialho, localizada no centro-sul da cidade de Manaus (AM). As conversas ocorreram por meio da plataforma virtual Zoom, com duração de duas horas e contaram com a presença de onze professores, entre homens e mulheres. O objetivo das conversas foi conhecer um pouco da escola, de seu corpo docente, da equipe pedagógica e da comunidade. Em tempos de pandemia, era mister saber em que condições o trabalho pedagógico estava sendo desenvolvido, considerando os desafios do ensino remoto e do uso de atuais tecnologias educacionais. Foi imprescindível saber dos professores sobre seus sentimentos em relação a esse processo.

Almejavamos compreender as condições existenciais dos seus trabalhos atravessados pela pandemia do coronavírus e pela maior crise sanitária já vista no Estado do Amazonas. Ressalte-se que as conversas foram orientadas por temáticas específicas, mas estas, muitas vezes, foram alteradas, conforme o rumo sugerido pelas *praticantespensantes* (OLIVEIRA,

2012) do projeto.

Neste resumo expandido, trazemos as vozes de três professoras e às tomamos como “personagens conceituais” (ANDRADE, CALDAS & ALVES, 2019). Estas narrativas foram tecidas por meio do que chamamos “redes de conversas” com o corpo docente das escolas. Atualmente, é impossível falar de cotidiano escolar sem levar em consideração a pandemia do coronavírus.

Nos estudos do pensamento complexo, nos valem da obra de Edgar Morin (2005), que nos aponta a crueldade do mundo capitalista com sua força destrutiva contra a Humanidade e a Natureza onde impera a desigualdade social, a violência e o medo da própria existência humana. Morin nos alerta que é mister pensar numa religação planetária. A ética torna-se uma exigência moral, um dever de nos unir com o outro, com a comunidade, a sociedade, e no limite, como lembra o autor, nos religar com a espécie humana. “É preciso resistir à crueldade do mundo e à crueldade humana pela solidariedade, pelo amor, pela religação e por comiseração pelas infelizes vítimas. O combate essencial da ética é a dupla resistência à crueldade do mundo e à crueldade humana.” (MORIN, 2005, p.193).

Olha a veia que salta...

A música Gota d’Água de Chico Buarque feita em parceria com Paulo Pontes e escrita em 1975, representa uma catarse diante das condições de injustiça, violência e crueldade produzida pela desigualdade social. A peça homônima (2006) foi inspirada na peça grega Medéia (de Eurípedes) e denuncia as condições de vida do povo trabalhador, seus conflitos, suas lutas frente às injustiças do mundo capitalista.

Gota d’água representa as condições de existência em que se encontram as escolas. Há muitos gritos contidos de dor, desespero, sofrimento e medo. A morte certamente nunca foi tão presente e intensa em nossas vidas. Ela coloca a sociedade diante da crueldade do mundo capitalista (SANTOS, 2020), expõe as desigualdades sociais e desmascara publicamente a face mais cruel do atual presidente brasileiro e seus apoiadores. Desvela um mundo encoberto por uma pedagogia do disfarce e nos impõe limites insuportáveis de um viver juntos em *tempospaços* jamais experienciados pelas escolas contemporâneas e sem qualquer incentivo financeiro necessário para o emprego do chamado ensino remoto: internet de qualidade, recursos materiais e formação continuada. Sem falar nas condições psicológicas.

Esmeralda: Chegou a tal ponto essa pandemia, que quando eu vejo a televisão, eu vejo uma série de infrações contra os direitos fundamentais e na Semed não tem sido diferente. Em todas as reuniões eu tenho me tornado inoportuna, porque quem reclama incomoda. Então, mesmo quando você fala alguma coisa, porque eu como funcionária pública estatutária, eu me obrigo a reclamar sobre os direitos que eu tenho direito. Eu me senti como profissional muito desamparada, desde o início desta pandemia. Psicologicamente falando, dos sentimentos humanos... Simplesmente, nós fomos abandonados. Toma que o filho é teu! Te vira!

Ao mergulhar *nosdoscom* os cotidianos escolares em 2020 e 2021, nos demos conta da situação de sofrimento, violência e do medo dos professores diante de dois quadros extremamente perigosos para a vida: a pandemia de covid-19 e a necropolítica (MBEMBE, 2018) do governo do Presidente Jair Messias Bolsonaro. Em Manaus, capital do estado do Amazonas, mais de trezentos professores morreram de Covid-19 entre setembro de 2020 e março de 2021[1]. A pandemia se soma a tantos outros problemas sociais e a questão grave

que vivenciamos no desgoverno federal que faz tudo ser a gota d'água. Necropolítica do desgoverno federal e pandemia são as gotas que nos faltam.

Vanessa: Eu vou te contar uma realidade. Teve aluno que estava passando por necessidade mesmo. Eu não podia ver isto. Eu visitei aluno. Fui à casa deles. Levei apostila. Não foi só por celular. Eu fui atrás dos meus alunos e vou atrás deles ainda. Eu fiz videoaula. Eu usei todas as plataformas possíveis, gravei o vídeo, então houve uma troca de experiências. Eu tenho aluno que não está engajado até agora, porque a mãe não tem celular, mas eu deixo atividades no celular da avó dele, ou então eu deixo na escola pra ela ir buscar. Nem todos foram alcançados. Nem ano passado e nesse também, infelizmente. Eu tive um ou dois alunos que não consegui atender. A família era paupérrima, mas eu deixei a apostila com ele. Eu não tenho dificuldade com a tecnologia. Aliás, eu conto muito com isso, veio muito ao meu favor, mas tecnologia nenhuma substitui o encontro professor-aluno. O professor sempre dá um jeito. É nossa missão. Agora eu achei que tinham que arrumar um tablet para o professor trabalhar melhor. Eu só tenho meu celularzinho coitado, que está [sobre]carregado.

Zygmunt Bauman (2008) nos ajuda a pensar sobre a presença do medo nas narrativas docentes. Para o autor, as sociedades modernas nos impõem um sentimento de insegurança, perda de confiança e de crença no progresso, bem como uma sensação de vulnerabilidade, em que se difunde uma ameaça permanente à vida diante da incerteza ou do medo, mais precisamente o medo líquido. O medo pode vir de qualquer canto, dos lares, das ruas, das escolas, da natureza, do desemprego, dos locais de trabalho, e agora ele pode e vem do ar e do Palácio do Planalto. A luta contra o medo passou a fazer parte da vida diária, dos nossos cotidianos, tarefa de uma vida inteira.

Maria: Pois é... é muito complicado. Porque esta Covid virou a gente de baixo para cima, de cima para baixo, como as colegas falaram. Realmente foi muito complicado mesmo. Até eu mesma tenho problema assim de falta de ar. Por exemplo, eu tô falando e tô cansada. Parece que eu tô nervosa, né? [Choro] esta ansiedade que não passa. É assim... hoje eu vejo assim... a minha sogra está com Covid, entrou esta semana, está bem. Mas a gente está aqui... complicado! A gente tá assim apreensiva, porque nós já perdemos muita gente querida na nossa família e hoje a gente tá aqui, né? Quanto ao aprendizado do aluno, eu vejo assim, a gente não tem como fazer muita coisa, porque têm pais que não tem o que comer. Ontem eu estava pensando aqui, que uma mãe me falou que não tinha dinheiro para colocar crédito no celular todo dia. Que não podia imprimir as tarefas para a criança fazer. A gente está trabalhando nos livros, porque eles já têm o acesso ali né. E eu continuo nesse mesmo trabalho: livros e atividades. Ainda tenho que ir à escola deixar atividades, porque eu também não vou na casa de aluno, devido a esse meu problema de cansaço, eu ando e me canso. Tudo que faço eu me canso. Quanto ao aprendizado, os pais, eles mesmos confessam para mim, eles fazem o que podem, assim como a gente também. Então eles vivem nessa ansiedade igual à gente, e é complicado.

Olha a voz que nos resta...

O espaço público entrou nos espaços privados das casas modificando-os. A sala, o quarto, o corredor, o quintal, são ocupados pelas escolas diuturnamente. São em qualquer *tempoespaço* de forma assustadoramente invasiva. E quando pensamos numa casa de um cômodo apenas, com cinco crianças de anos e turmas diferentes, podemos pensar em um

aparelho celular? Esta semiotização do mundo escolar na forma do ensino remoto, em que os espaços são ressignificados a partir de elementos pertencentes à vida privada, à intimidade docente e discente, representa também uma alteração na organização do trabalho das professoras. Mas, apesar de tudo isso, professoras e famílias resistem, na tentativa de sempre fazerem o melhor, como nos revelam as narrativas de Maria, Esmeralda e Vanessa. Vanessa tem a docência como missão e faz de tudo em nome de seus estudantes. Maria tenta superar suas dores e seus medos que estão somatizados e tenta fazer sempre o seu melhor. Esmeralda não perde a chance de reivindicar seus direitos, que não são somente individuais, mas também coletivos.

Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2011) nos convidam a não nos silenciarmos e mostram que a incomunicabilidade é também um tipo de morte. “O silêncio, o enclausuramento de um ser dentro dele mesmo, a incomunicabilidade como morte, a comunicabilidade como possibilidade de expressão de vida, e de invenção da vida, e de criação da vida.” (FREIRE & GUIMARÃES, 2011, p.28). Por isso precisamos falar uns com os outros. Precisamos fazer ecoar as nossas vozes, por mais que seja “um testemunho que tem seus limites, suas carências, suas necessidades; mas é como se ele dissesse, como livro, como totalidade: ‘Fala com outros, para que não enlouqueças!’” Paulo Freire está se referindo ao livro “Dialogando com a própria história”. Nós pedimos licença ao nosso grande mestre para fazermos uso desta citação para dizer que é isto que nosso trabalho, nossa pesquisa tem nos falado também.

Referências

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alesssandra Nunes; ALVES, Nilda. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas conversas acerca deles.** IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza. Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. **Gota d’água – uma tragédia brasileira.** 35 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Dialogando com a própria história.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo: N-1 edições, 2018.

MORIN, Edgar. **Método 6. Ética.** Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana.** Petrópolis, RJ: Dp et Alii: FAPERJ, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

[1] Dados obtidos pelo Comitê Popular pela Vida no Amazonas, formado por várias entidades e movimentos sociais, que vêm catalogando a morte de professores desde 2020. Em fevereiro de 2021, o Comitê lançou um Memorial mostrando estes dados nas redes sociais.